

A SANTA CASA DE SÃO PAULO E OS CONFLITOS MILITARES DE 1924 E 1932



Leia:**Santo Sudário**M.I. Rollemberg
Página 4**Lamento de um médico**José Augusto Rittes
Página 4**A Margarida**Elizabeth Annes
Página 4**Pedro Luiz Squilacci Leme**

A violência do cotidiano cada vez mais se aproxima de todos nós que, apreensivos, aguardamos para ser apenas um número nas perversas estatísticas que comprovam, além do descaso das autoridades, a grave crise social e moral do país. Este contexto nos lembra que os médicos, sempre na linha de frente dos problemas, logo vão enfrentar em São Paulo a mesma dura realidade já vivida pelos que trabalham nos serviços voltados ao atendimento de urgências de outros estados e em breve, as lesões provocadas por armas de guerra, serão tratadas com certa frequência nestas unidades, com todo o ônus de

sua gravidade e complexidade.

Resgatando o passado, devemos lembrar que a Santa Casa de São Paulo já passou por esta situação e hoje tenta preparar cirurgões capacitados a enfrentar os mesmos desafios, apesar de todas as dificuldades que encontra diariamente.

A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, que neste final de século passa talvez pela maior provação de toda sua longa e gloriosa história, participou ativamente de dois grandes conflitos militares que ocorreram na primeira metade do século XX, as revoluções de 1924 e 1932, tratando de seus feridos.

A análise da época, mostra que as décadas de 1910 e 1920 no Bra-

sil foram marcadas pelo descontentamento popular. Em 1917, ocorreram as primeiras greves operárias e um ano depois, a epidemia de gripe Espanhola fez mais de 15.000 vítimas. Em 1921, surgiu a lei de repressão ao anarquismo, reforçando a "mão de ferro" dos governantes de então.

Em 1922, tivemos a primeira manifestação do "movimento tenentista", com o episódio dos "18 do Forte", no Rio de Janeiro. Este movimento foi representado pela cisão entre os oficiais mais graduados (aliados ao governo) e os jovens oficiais, que pretendiam derrubar as oligarquias que dominavam o país. A revolução de 1924 em São Paulo, mesmo sen-

do comandada pelo general Isidoro Dias Lopes, foi um movimento de cunho tenentista.

Em 1924, as condições econômicas, sociais e de saúde em São Paulo eram precárias. A cidade já era um grande parque industrial e contava com perto de setecentos mil habitantes, mas as condições de trabalho eram desumanas. A jornada de trabalho era de doze horas, as horas extras não eram pagas e a remuneração dos trabalhadores indigna. Segundo Domingos Meirelles (As Noites das Grandes Fogueiras - 1995), o salário correspondia a 5.000 Réis, cerca de 15 dólares por mês.

As crianças eram responsáveis por metade da força de trabalho,

que era realizado por crianças de até oito anos em condições miseráveis, sendo a maioria raquítica e cheia de hematomas provocados por agressões. Não havia respeito à lei de férias e as grávidas eram demitidas. As greves eram reprimidas violentamente pela polícia.

A exploração dos operários levava a muitos acidentes do trabalho. As péssimas condições de moradia e a escassez de alimentos propiciavam o aparecimento de muitos doentes com anemia e tuberculose; já nesta época são relatadas grandes filas de indigentes na Santa Casa.

Este cenário levou alguns militares a acreditar que um levante

continua...

... militar seria acompanhado por uma insurreição popular. Esta revolta durou de 5 a 28 de julho de 1924. Na madrugada do dia 5, o Palácio dos Campos Elíseos, sede do governo, foi atacado pelos revoltosos que também ocuparam as estações da Luz, Sorocabana e Brás, sendo instalados canhões no Campo de Marte, barricadas e trincheiras na rua Rio Branco, avenida Paulista e vários outros locais.

A resposta das forças leais ao governo foi rápida, com o bombardeio indiscriminado com canhões pesados, sendo muitos civis feridos pelos tiros disparados por revoltosos e legalistas.

Para desespero dos médicos e enfermeiros da época, um grande número de feridos chegou à Santa Casa em ambulâncias, carroças e automóveis, muitos mutilados, em estado desesperador. Os corredores ficaram lotados de adultos e crianças. Sem material disponível, muitas cirurgias foram realizadas sem anestesia.

Conforme os relatos de Glaucio Carneiro (O Poder da Misericórdia - 1986), a Santa Casa era o principal "Hospital de Sangue" (nome dado na época aos hospitais para atendimento de feridos). Seu diretor clínico, o Dr. Diogo de Faria, enfrentou a situação transferindo para colégios próximos 318 doentes e transformando o salão nobre em dormitório para o corpo clínico. Foram preparadas nove enfermarias masculinas, duas femininas e uma para crianças, mas a situação era crítica, existindo reservas de lenha apenas para três dias e de alimentos para oito dias.

Entre cinco e trinta de julho foram realizados 2.436 atendimentos, sendo internados 614 doentes. Dos 802 feridos atendidos, 110 faleceram e no necrotério deram entrada 153 cadáveres. Os registros da Casa Rodovalho, uma empresa funerária da época, faziam referência a 11.294 caixões fabricados em 1924, sendo que 1.659 foram fornecidos à Santa Casa; estes números eram parciais, já que parte dos livros de registro perdeu-se durante a revolta.

Estatísticas de duas clínicas do hospital registram o atendimento de 208 feridos, sendo computadas 37 mortes. Para júbilo dos médicos não foram registrados doentes com tétano ou erisipela e todos com gangrena gasosa foram salvos. As fraturas foram tratadas com desbridamento e "embalsamamento" com líquido de Mencièrre. As feridas eram irrigadas segundo os preceitos de Carrel - Dakin (desenvolvidos nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial).

Relatos dos arquivos demonstram a gravidade das lesões tratadas pelos médicos da época:



Doentes aguardam atendimento nos corredores da Santa Casa de São Paulo

"A cinco de julho, quando o estampido dos canhões anunciava o início do movimento que ensanguentou São Paulo, fomos surpreendidos na II Cirurgia de Mulheres, dando entrada a uma das primeiras vítimas, que embora fosse prontamente socorrida veio a falecer durante a operação. Sofrera essa moça o arrancamento do ante-braço esquerdo e uma profunda ferida no thorax, através da qual a mão sentia o coração, apresentando nos tecidos moles circumvizinhos fragmentos osseos de varias costelas (...)

Observamos, em face dos ferimentos produzidos por armas de fogo, o que é do consenso geral: pequenos orifícios de entrada e grandes rombos de saída. (...) Os tiros de recochete, ou estilhaços de granadas, produziam grandes orifícios (...), sendo que quando atingiam substancia ossea, trituravam-na de tal forma que tinhamos a impressão de tocarmos em sacos de pedregulho."

Paulo Salvi e Potyguar Medeiros.

"Os ferimentos abdominaes tiveram quasi todos exito fatal (...). Justifica-se tal resultado pela extensão dos ferimentos, que, óra seccionava completamente alsas do ileon, como se o fizesse uma navalha, óra dilaceravam em larga extensão um segmento intestinal, reduzindo um baço á massa sangrenta e rachando de bordo á visceras compactas como os rins e fígado. (...) Nos ultimos dias da revolta resolvemos instituir o tratamento expectante de Muphy: gelo no ventre, morphina, enteroclysmo gotta a gotta, posição de Fowler e drenagem supra-pubiana. Conseguimos salvar um enfermo (...)"

Candido Soares, J.M. Freitas, J.C. Campos, J. Oliveira Mattos.

"(Verificou-se tanto aqui como em todo o serviço do hospital a absoluta inutilidade em operar estas grandes feridas abdominais. Representa tal prática somente dispersão de trabalho (...), gastos excessivos do hospital sem proveito, distração da actividade profissional em relação a outros feridos que poderiam viver ou curar mais rapidamente...)"

Rezende Puech, chefe de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia.

Para se avaliar a situação, os relatos de apenas um dos dias da revolta, 13 de julho, são dramáticos. Vários feridos, como o Basílio Moeda, o Capitão e o Tenente, amanheceram com muitos cadáveres nas ruas. Os enterros eram realizados sem formalidades em terrenos e quintais e estes corpos só foram sepultados corretamente após o término dos combates. Apenas neste dia existiam duzentos mortos ainda não identificados só no Cemitério do Araçá. Foram encontrados cadáveres também nas ruas São Luís, Caio Prado, assim como na Santa Efigênia, São João e Largo do Paissandu.

Hospitais provisórios foram montados em instituições religiosas. A Congregação Coração de Maria abrigava 224 feridos, a maioria vindos da Santa Casa. O Colégio Sion foi transformado em hospital para mulheres e o Colégio São Luís em hospital para homens. No Externato Santa Cecília foram improvisadas duas enfermarias, sendo uma delas para crianças. O Hotel Terminus funcionava como pronto-socorro e estava lotado de feridos graves.

Alguns líderes da revolução também foram feridos, como o Coronel João Francisco, gravemente atingido nos combates com o trem blindado, uma das armas empregadas na revolta. O Tenente Joaquim

Távora faleceu na Santa Casa em 19 de julho.

São Paulo sofreu pesado bombardeio aéreo dia 19 de julho de 1924, quando foram lançadas sobre a cidade bombas de até 60 quilos e, pela primeira vez, foram usados tanques de guerra (Renault FT-17). Os combates que ocorreram no Belvedere do Zinzo dia 23 de julho. Vários incidentes foram registrados em depoimentos como os da Antártica em 2 de julho.

Os combates provocaram o êxodo de mais de 300.000 pessoas da cidade. A estação da Luz recebeu perto de 20.000 passageiros por dia, mas muitos fugiram a pé pelas estradas da Lapa, Cantareira e Pinheiros.

Perdida a revolução, os rebeldes deixaram a cidade em direção a Campinas e Bauru na madrugada do dia 28 de julho de 1924. A cidade de abandonada foi então pilhada pelas forças legalistas.

Vencidos pelas tropas leais ao governo, a coluna paulista se reuniu em Foz do Iguaçu com a coluna revoltosa vindos do Pico Grande Sul formando a Coluna Prestes e parte do movimento 1924 e 1925, com um efetivo máximo de 24.000 quilômetros, contando com um efetivo máximo de 1.500 soldados. Embora tenha sido um sucesso militar (venceu todos os 53 combates que travou), foi um fracasso político, já que sua passagem foi seguida por grande apatia popular.

Terminado este primeiro conflito, as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por Getúlio Vargas

Na revolta de 24, a Santa Casa realizou 2.436 atendimentos em 25 dias

intensa atividade militar. A revolução de 30 representou o fim da "República Velha". Com a deposição do presidente Washington Luiz, terminou a política do "café com leite" estabelecida entre São Paulo e Minas Gerais, que controlavam a política brasileira no período.

Esta revolta começou em 3 de dezembro de 1930 no Rio Grande do Sul, sendo comandada por Juarez Távora e Getúlio Vargas, tendo marcado o início da longa "era Vargas", que foi constituída por um Governo Provisório entre 1930 e 1934; um Governo Constitucional (1934 - 37) e o Estado Novo, entre 1937 e 1945. Quando a Força Expedicionária voltou da Europa após a Segunda Guerra Mundial, trazendo os ideais de liberdade do período, tem

nou a primeira longa participação de Getúlio Vargas em nossa história, com um golpe militar comandado pelos generais Góes Monteiro e Eurico Dutra.

Com a revolução de 30, São Paulo perdeu muitos privilégios e iniciou-se um período de grande instabilidade política.

Entre 1930 e 32 foram nomeados quatro interventores para o estado. Em janeiro de 1932 ocorreu o rompimento definitivo entre São Paulo e o

Em 32, a Santa Casa funcionou como hospital de retaguarda

governo federal, quando foi exigido um interventor civil e paulista, sendo então nomeado Pedro de Toledo em março de 32. Após violentas manifestações estudantis, principalmente as ocorridas em 23 de maio, que culminaram com a morte de estudantes e o surgimento do "M.M.D.C.", em julho começa uma revolução no estado que duraria três meses (9 de julho a 3 de outubro de 1932). Apesar da

derrota militar, em 1933 é instituída a Assembléia Constituinte e São Paulo é governado por Armando Sales de Oliveira.

Ao contrário da revolta de 1924, em 1932 a população aderiu sem restrições ao movimento armado e embora a cidade não

tenha sido palco da luta como na revolução anterior, sangrentos combates foram travados nas várias frentes de batalha. A Santa Casa de São Paulo funcionou

mais como hospital de retaguarda neste momento, mas foi preparada para um longo conflito.

Existem relatos de dois grandes cirurgiões da época, que ditaram normas para a cirurgia brasileira e ainda hoje são reverenciados e podem ser considerados grandes "cirurgiões de guerra", os professores Alípio Corrêa Netto e Benedito Montenegro. Seus escritos são muito interessantes:

Alípio Corrêa Netto

"Logo depois de irrompido em São Paulo o movimento em prol da constitucionalização do País, manifestou-se a necessidade de organização de um hospital de sangue, em Cruzeiro, para atender a uma linha de combate relativamente extensa (...).

O hospital era constituído de duas enfermarias maiores e cinco menores, reunindo o total de 65 leitos (...).

(...) organizamos duas grandes enfermarias para pequenos feridos e traumatizados leves, uma menor para traumatizados graves (geralmente de abdome); um quarto com dois leitos ficou reservado para os feridos em estado de coma e para os moribundos; outra enfermaria recolhia os sargentos (7 leitos); dois quartos espaçosos (...) foram reservados aos oficiais.

Para as intervenções cirúrgicas dispúnhamos de duas salas modestas, mas que nos permitiam várias intervenções de alta cirurgia."

"Na ambulância já algum curativo podia ser feito (...). Nos postos de primeiros socorros eram medicados os casos clínicos e realizadas pequenas intervenções (...) a maior soma de trabalho recaía sobre o Hospital de Sangue (...) Os casos de morte foram inevitáveis. É bom que se esclareça que naquela época nossos conhecimentos sobre a fisiopatologia do choque eram bastante rudimentares (...) Não nos utilizávamos, como acontece agora, das transfusões de sangue e das injeções endovenosas de plasma, em larga escala, por conseguinte, não havia nos hospitais estoques desses valiosíssimos elementos de combate ao choque, desconheciam-se os bancos de sangue (...)

(...) a classificação do sangue dos doadores e dos receptores era defeituosa, resultando, não raras vezes, reações violentas por incompatibilidade sanguínea."

Benedito Montenegro

A organização proposta pelo professor Alípio Corrêa Netto em Cruzeiro, também foi usada na Santa Casa de São Paulo, que preparou enfermarias para oficiais e soldados. Os relatos da época são marcados por grande angústia e preocupação por parte dos médicos do hospital,



Campanha "Ouro Para o Bem de São Paulo", 1932

"(...) Foram consignados à Campanha donativos na importância avantajada de mais de seis mil e duzentos contos de réis (...), sendo em ouro 450 mil gramas (...) Nas vésperas da ocupação militar de São Paulo, perdidas todas as esperanças de dar à grandiosa dádiva dos paulistanos o destino que deveria ter tido, resolveu a "Comissão do Ouro", entregar os donativos restantes à Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, livrando-os, assim, de possíveis e até prováveis tentativas de apropriação (...)

(...) resolveu a Santa Casa construir no tradicional Largo da Misericórdia, esquina da Rua Álvares Penteado, um edifício de 12 andares, que denominou prédio "Ouro para o Bem de São Paulo" (...)"

que temiam a repetição dos tempos difíceis enfrentados por muitos deles alguns anos antes, em 1924.

Durante a revolução, a população contribuiu com grande quantidade de jóias e ouro, numa campanha chamada "Ouro Para o Bem de São Paulo":

Pedro Ayres Netto

Mesmo com este período conturbado, a Santa Casa cresceu e se expandiu, inaugurando outros hospitais, asilos e sanatórios, todos pertencentes à mesma Immandade, assim como, em 1962, a Faculdade de Ciências Médicas. Estas Instituições, voltadas ao atendimento de doentes carentes e ao ensino, são locais onde mestres e alunos de todos os níveis aprendem a cada dia o significado da palavra Misericórdia, estudando Medicina e Cirurgia como um todo.

Hoje os tempos são outros. Médicos, médicos residentes e funcionários enfrentam as mesmas dificuldades de todos os brasileiros e

trabalham, trabalham muito, sem ter tempo para refletir sobre a situação atual, atendendo às novas vítimas da verdadeira "guerrilha urbana" que é travada todos os dias na cidade e transformou os serviços de urgência em verdadeiros hospitais de guerra.

Para tristeza de todos nós, de seus centenários corredores, hoje ecoa não apenas o clamor dos doentes e feridos que lá encontram abrigo, mas também o pedido de socorro de uma nobre Instituição.

Pedro Luiz Squilacci Leme é professor assistente da Santa Casa.

DOENTES ATENDIDOS EM DUAS CLÍNICAS CIRÚRGICAS Santa Casa-1924

Estatística	Doentes
FAF	91
Granada	48
Ferimentos Generalizados	40
Estafa	11
FAB	02
Total	208
37 Óbitos	

FERIDOS ATENDIDOS Julho/Outubro - 1932

Estatística	Doentes
FAF	185
Ferimentos Diversos	134
Traumatologia	103
Frat./luxação	100
Granadas	74
Fer. Oculares	17
Esmag./mutilação	13
Queimaduras	9
Hemotórax	4
Tétano	4
Traum. Craniano	2
Total 1.200	

CAUSAS DE MORTE DE SOLDADOS - 1932

Estatística	Doentes
Tr. Tórax	2
Desconhecida	1
Emb. Séptica	1
FAF	7
Granadas	1
Tifo	1
Frat. Crânio	2
Hem. Interna	1
Pneumonia	2
Peritonite	1
Total 19	

textos

O Santo Sudário não é um sudário

M.I. Rolleberg #

Na realidade é um lençol mortuário, que mede 4,20 metros de comprimento por 1,15 metros de largura. O corpo do morto após ser lavado era deitado sobre uma das metades e em seguida coberto de mirra e aloés. Após, era recoberto pela outra metade do lençol. Desta forma os judeus costumavam enterrar seus mortos.

A denominação deste lençol na língua inglesa é "shroud", em espanhol "sábana" e em italiano "sindone", todas significando mortalha. A língua portuguesa consagrou-o como sudário, a tal ponto que nos dicionários além do significado "pano para limpar suor", definem igualmente como "mortalha de Cristo".

Nesta época, nas pessoas que haviam sofrido morte violenta ou com alterações importante das feições, costumava-se colocar piedosamente um sudário (pano usado para limpar o suor, cujas origens remontam ao termo "sudarium", de origem latina). Mesmo entre nós em tempos pretéritos usava-se em tais casos lençinhos de seda, tafetá ou linho muito fino. Curiosamente existe um pano com estas características guardado em Oviedo - capital das Astúrias na Espanha, ali conservado desde o século VIII, com particularidades semelhantes ao lençol mortuário de Turim.

Em 1305, ao tempo do reinado de Felipe - o Belo na França a sede do papado havia se transferido para Avignon devido à insegurança de Roma (qualquer semelhança com esta sofrida São Paulo é mera coincidência), além dos próprios papas serem franceses. Estava então no poder Clemente V, o anti-papa. Como a França estivesse falida, graças aos desmandos de seu monarca, resolveu ele em conjunto com o papa extorquir os Templários, então a organização mais rica existente. Como nada tivessem conseguido, apesar das torturas e mortes infligidas, resolveram prender seus chefes Jacques de Mollay e Godofredo de Chamy. Por não terem conseguido "dobrá-los", condenaram-nos à morte na fogueira. Para tanto foram acusados, entre outras coisas, de idolatria. "Adorariam", segundo seus esbirros, "uma enorme figura pintada em um pano..." Quarenta e três anos depois, em 1348, aparece em mãos de um nobre Cavaleiro chamado Godofredo de Chamy um pano com as características de um antiquíssimo lençol mortuário, que segundo suas palavras, teria envolvido o corpo de Jesus Cristo. Pouco depois, como porta-estandarte do rei da França,

veio a falecer na "guerra dos cem anos" contra a Inglaterra. Ficou então desconhecida a origem do pano. Sua viúva, também nobre, por questões de segurança ou outro motivo pouco claro, confiou a guarda do pano aos reis da Casa de Savoia, que construíram uma capela especial para o mesmo na cidade de Chambéry, a 90 quilômetros de Lyon na França, onde foi guardado em uma caixa de prata. Em 1532 irrompeu um incêndio na capela que derreteu parte da caixa, tendo o metal derretido perfurado o pano dobrado

O negativo da figura apresentava uma outra positiva

em seu interior. Milagrosamente a imagem estampada foi poupada, queimando apenas as partes laterais. Posteriormente os "buracos" foram remendados, como podem ser vistos até hoje. Em 1578 grassava em toda Europa uma epidemia de "peste negra" ou "peste bubônica", que dizimou milhares de pessoas. O arcebispo de Milão e posteriormente S. Carlos Borromeu, homem em torno de oitenta anos, fez uma promessa de ir a pé até Chambéry para agradecer ao "pano", se a peste acabasse. Coincidência ou não, cessou o martírio. Sabedor da pretensão do prelado e levando em consideração às enormes dificuldades para uma pessoa desta idade fazer um percurso de mais de trezentos quilôme-

tros a pé, além de atravessar os Alpes, o Arquiduque Filisberto da Casa Real de Savoia providenciou a ida do pano de Chambéry até Turim. Assim o bispo cobriu a distância entre as duas cidades em cerca de quinze dias com seu séquito. Desde então encontra-se na catedral de S. João Batista em Turim.

O pano passou a ser exibido publicamente somente em ocasiões especiais. Construíram uma capela especial dentro da própria catedral, onde tem permanecido guardado em uma caixa especial de madeira, revestida de prata ricamente adornada. Em 1899 durante as festividades para o casamento do príncipe herdeiro Vittorio Emanuele, novamente expuseram o "pano" e permitiram sua fotografia pela primeira vez. Tal não foi o espanto de Segundo Pio ao se deparar com o negativo da figura, que apresentava uma imagem positiva. Imediatamente foram enviadas para Paris, afim de serem analisadas pela maior autoridade da época, o anatomista Delage da Sorbonne. Depois de examiná-los atestou sua autenticidade, relatando que a imagem era de um crucificado segundo o método romano, com o condenado pregado na cruz pelos punhos e não pelas mãos como as imagens iconográficas tradicionalmente representavam. Demonstrou inclusive a existência

de um espaço anatômico na região do punho, chamado espaço de Desjot, por onde pode passar facilmente um prego. Outro cirurgião francês - Barbet demonstrou experimentalmente que uma pessoa de 1,80 metros de altura e peso de 80 quilos teria suas mãos rasgadas se fosse pregado pelas mãos.

Os estudos em torno deste "pano" e da figura impressa foram se intensificando, sobretudo após a exposição de 1978 - quatrocentos anos após sua chegada a Turim, em que a equipe da NASA teve à disposição de seus cientistas 109 horas, nas quais todos os aspectos do lençol foram analisados exaustivamente. Estes estudos continuam até hoje, utilizando-se os mais aperfeiçoados computadores, assim como estudos de DNA, luz polarizada e outros. Desta forma foi possível a autenticação das manchas de sangue do lençol, provenientes de um ser humano do sexo masculino e tipo sanguíneo AB. Este tipo, raro no mundo ocidental onde alcança cerca de 3% da população é encontrado em 18% dos judeus sefarditas! Este e outros achados tornam o estudo deste "pano" cada vez mais emocionante e perturbador.

M.I. Rolleberg é cirurgião de Tóras

Lamento de um médico

José Augusto Rittes

Se por trinta anos de uma luta dura,
Eu sopitei, no peito, o coração,
Hoje velho, cansado da tortura,
Minha alma falará... dou permissão.

E em torrentes de dor e de amargura,
Pelo descaso a nossa profissão,
Causando a tanta gente desventura,
Trinta anos, nestes versos, falarão.

- Malditos sois por um labor perdido,
Pelo mal que fizestes por querer,
Pela dor de um dever tão mal cumprido.

Por um trabalho feito sem prazer,
Por tudo quanto temos padecido,
Pelo esplendor que não pudemos ter.

A Margarida

Elizabeth Annes

Bem-me-quer
Quem mal não faz.
Mal-me-quer
Quem o bem desfaz.

Bem-te-quer
Quem te apraz.
Mal-te-quer
Quem o mal te traz.

Bem-nos-quer
A flor florida
Mal-nos-quer
Quando desfolhada.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:
Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:
Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:
Duílio Crispim Farina (presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinematoca:
Wimer Botura Júnior
Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza
Museu da História da Medicina
Jorge Michalany